

FRASEOLOGIA E ANTROPONÍMIA: DA TEORIA A UMA PRÁTICA EXPLORATÓRIA DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS E CULTUREMAS ANTROPONÍMICOS

PHRASEOLOGY AND ANTHROPNYMY: FROM THEORY TO AN
EXPLORATORY PRACTICE OF PHRASEOLOGICAL UNITS AND
ANTHROPONYMIC CULTUREMES

Maria João Marçalo¹

RESUMO

Neste artigo, o nosso objetivo é elencar certas designações jocosas e pejorativas das identidades ou apodos coletivos, de carácter antroponímico, relativos a topónimos do distrito de Évora, em Portugal. Neste texto socorremo-nos do corpus compilado pelo antropólogo João David de Moraes e publicado, em 2006, na obra Ditos e Apodos Colectivos. A relação entre língua e cultura estende-se do conceito de língua como lugar onde se registram as manifestações culturais do homem até a concepção de que a palavra é portadora de visões de mundo. A língua é, portanto, um meio de acesso à cultura. É nesse sentido que se faz necessário compreender a língua, a cultura e a identidade, observando as realizações lexicais apresentadas em contexto histórico e regional. Aqui apresentaremos um pequeno contributo para o estudo da fraseologia. De acordo com esse pensamento, as realizações lexicais, sobretudo aquelas relativas a atividades sociais, contribuem significativamente para a compreensão da cultura de um povo como forma de construção de uma identidade específica ou regional. As questões culturais expressas nas alcunhas, apodos e designações coletivas aqui consideradas contribuem para a criação de uma identidade.

Palavras-Chave: Fraseologia, antroponímia, toponímia.

¹ Maria João Marçalo é doutorada em Linguística e Professora Associada com Agregação na Universidade de Évora, Portugal. É membro integrado do CEL- Centro de Estudos em Letras /FCT-Fundação para a Ciência e Tecnologia. E-mail: mjm@uevora.pt ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8326-644X>

ABSTRACT

The objective of this article is to present a list of jocular and pejorative designations of collective identities or nicknames, of an anthroponymic nature, relating to toponyms in the district of Évora in Portugal. In this text, we utilise the corpus compiled by the anthropologist João David de Moraes and published in 2006 in the book *Ditos e Apodos Colectivos*. The relationship between language and culture is a complex one, extending from the concept of language as a repository of human cultural manifestations to the notion that words are carriers of world views. Language, therefore, can be seen as a means of accessing culture. In order to fully comprehend this relationship, it is essential to understand language, culture and identity, taking into account the lexical manifestations presented in historical and regional contexts. In this article, we will make a modest contribution to the study of phraseology. This line of thinking posits that lexical realizations, particularly those pertaining to social activities, play a pivotal role in comprehending the cultural nuances of a given people and in the formation of a distinctive or regional identity. The cultural themes encapsulated in the nicknames, apodos, and collective designations under examination here contribute to the construction of an identity.

Keywords: Phraseology, anthroponymy, toponymy.

Introdução

Neste texto socorremo-nos do *corpus* compilado pelo antropólogo João David de Moraes e publicado, em 2006, na obra *Ditos e Apodos Colectivos*. Aqui o nosso objetivo é elencar certas designações jocosas e pejorativas das identidades ou apodos coletivos de carácter antroponímico relativos a topónimos do distrito de Évora, em Portugal. Como se sabe, as rivalidades entre naturais de diferentes povoações e lugares, com maior ou menor importância, têm um carácter hipoteticamente universal. Ladislau Batalha assinala, que no caso dos portugueses, “o apupo, a alcunha deprimente e o dichote ofensivo chegam a assumir as proporções de instituição nacional” (1924, 264).

Faremos uma listagem exploratória de unidades fraseológicas e de cultuemas relacionados com antroponimos do distrito de Évora (Portugal). Descreveremos o sentido denotativo e o sentido metafórico de tais expressões sempre que possível.

A Língua serve para comunicar. O homem age linguisticamente. Ao falar estabelece-se o contacto entre falante e ouvinte, e afirma-se a dimensão social da língua. É na interação entre os indivíduos que se estabelece a cultura de uma sociedade. A relação entre língua e cultura pode ser bastante evidente.

Estamos inteiramente de acordo com Pamies Bertrán (2012, 346), quando afirma que “É sobretudo na fraseologia e na paremiologia que vamos encontrar provas concretas e abundantes para investigar essa relação língua/cultura”.

Como é sabido, a relação entre língua e cultura não é uma ideia nova e Pamies Bertrán (2012, 346) assinala-o devidamente, quando escreve:

A relação entre língua e cultura não é uma ideia nova: Humboldt (1820) falava da língua como espelho do Espírito da Nação, para dizer, mais ou menos, que cada nação tem uma “mentalidade” que estaria refletida na língua. Mais tarde, o relativismo linguístico de Sapir (1921) reforçou essa relação só que ao avesso do que era para os nacionalistas românticos: a “mentalidade nacional” virou o fruto, ou a consequência da língua, em vez de ser sua causa.

A relação entre língua e cultura estende-se do conceito de língua como lugar onde se registram as manifestações culturais do homem até a concepção de que a palavra é portadora de visões de mundo. A língua é, portanto, um meio de acesso à cultura.

É nesse sentido que se faz necessário compreender a língua, a cultura e a identidade, observando as realizações lexicais apresentadas em contexto histórico e regional. Aqui apresentaremos um pequeno contributo para o estudo da fraseologia.

O estudo do léxico de uma língua conduz ao conhecimento da história, e os diversos aspectos da cultura de um povo podem ser discutidos a partir de um estudo lexical.

De acordo com esse pensamento, as realizações lexicais, sobretudo aquelas relativas a atividades sociais, contribuem significativamente para a compreensão da cultura de um povo como forma de construção de uma identidade específica ou regional. As questões culturais expressas nas alcunhas, apodos e designações coletivas aqui consideradas contribuem para a criação de uma identidade.

José Leite de Vasconcellos, em 1931, usa o termo onomatologia, a qual se ocupa do estudo da origem e alterações (no sentido e na forma) dos nomes próprios; considerando apenas os que se referem a locais e a pessoas, podemos dividi-la em Toponímia e Antroponímia (Vasconcellos, 1931, 312).

Sobre o estatuto da Fraseologia, secundamos Monteiro-Plantin (2014) quando afirma: “Nossa concepção é a de que se trata de uma disciplina independente, mas concernente a todos os níveis de análise linguística” (Monteiro-Plantin, 2014, 21).

A Fraseologia, enquanto campo de investigação fraseológica, é uma disciplina relativamente nova. No *Curso de Linguística Geral* (1916), Ferdinand de Saussure, embora não trate exatamente de Fraseologia, já faz referência a locuções, sob a denominação de agrupamentos pertencentes ao sistema da língua. Posteriormente, um

de seus discípulos, Charles Bally, desenvolveu o pensamento de Saussure e publicou as obras *Précis de stylistique* (1905) e *Traité de stylistique* (1909). Nesta ele utilizou o termo fraseologia, referente ao conjunto de fenômenos sintáticos e semânticos (tipos de combinação de palavras) que configuram os grupos fraseológicos, por um lado, e as unidades fraseológicas, por outro. Os estudos de Charles Bally fizeram escola na União Soviética. Com isso, “podemos dizer que as bases teóricas e os conceitos fundamentais que propiciaram as pesquisas em Fraseologia foram estabelecidas pelos linguistas soviéticos por volta de 1940, com destaque especial para Vinogradov” (Monteiro-Plantin, 2014, p. 27).

Segundo Klare, “entende-se por fraseologia o conjunto dos fraseologismos, o inventário de locuções fraseológicas, quer dizer, o fraseoléxico de uma língua”; de outra, a “fraseologia refere-se à subdisciplina linguística em questão, quer dizer, à investigação fraseológica que tem por tarefa a pesquisa do fraseoléxico” (Klare, 1986, p. 355).

Klare (1986) também destaca a importância das pesquisas soviéticas para a consolidação da Fraseologia como disciplina. A investigação soviética tende para a concepção da fraseologia como disciplina linguística autônoma e para excluí-la, assim, da lexicologia e estabelecê-la num grau equivalente ao lado da lexicologia como disciplina linguística autônoma. Este ponto de vista parte do fato de que os fraseologismos (locuções fraseológicas, fraseolexemas, etc.), contrariamente às palavras simples e compostas, dispõem também de especificidades e particularidades, restando a questão de estas especificidades serem suficientes para retirar a investigação fraseológica do campo geral da lexicologia (Klare, 1986, p. 356).

Monteiro-Plantin (2014) descreve os vários autores (Maurice Gross, 1982; Gaston Gross, 1986; Gertrud Greciano, 1986; Salah Mejri, 1987; Fiala, 1988; Gibbs, 1994; e Burger, 1998) e suas mais importantes contribuições conceituais para as pesquisas em Fraseologia. Entre pesquisadores espanhóis, Monteiro-Plantin (2014) destaca Julio Casares, que desenvolveu trabalho “de grande contribuição para a delimitação e classificação das construções pluriverbais, convertendo-se em referência obrigatória para os estudos destas expressões em língua espanhola, em particular, e nas línguas latinas de uma maneira geral” (Monteiro-Plantin, 2014, p. 29). Refere ainda Antonio Pamies Bertrán, afirmando que ele:

assinala que os estudos fraseológicos tiveram grande desenvolvimento a partir do momento em que se desenvolveram de forma mais independente dos demais estudos lexicográficos. Para ele, tal desenvolvimento deve-se principalmente a uma reação contrária a ideias anteriores, como é comum em se tratando de Ciências Humanas. Este pesquisador concebe Fraseologia como uma disciplina

à parte, situada na fronteira entre a sintaxe e o léxico (Monteiro-Plantin, 2014, p. 30).

Alguns linguistas latino-americanos são ainda referenciados por Monteiro-Plantin (2014), que menciona as contribuições do colombiano Augusto Zuluaga (1980) e das cubanas Zoila Vitória Carneado Moré e Antonia Maria Tristán Perez (1985) como impulsionadores das pesquisas em Fraseologia na região.

Além desses, são destacadas também investigações brasileiras de Stella Tagnin (2005), que usa o termo convencionalidade em equivalência à Fraseologia; Cláudia Maria Xatara (2006), para quem a Fraseologia é subárea da Lexicologia; e Maria Luisa Ortiz-Alvarez (2011), que revela os traços distintivos do sistema fraseológico.

Outros autores adoptam terminologia diferente, mas cujo âmbito conceptual corresponde ao das unidades fraseológicas, como é o caso das lexias complexas e lexias textuais mencionadas por Bérnard Pottier.

A lexia complexa, conceito relevante para esta pesquisa, é constituída por dois ou mais lexemas que, em uso frequente na língua, transformam-se em construções fixas, num processo semântico que dá à lexia significado único. Os fraseologismos estão contidos na lexia complexa e possuem função denominativa, por isso ela pode ser identificada também como lexia fraseológica.

As unidades fraseológicas representam um vasto campo de estudos no interior da fraseologia, pois, sob esta denominação, encontram-se estruturas como: expressões fixas, modismos, ditos, fórmulas, modos de dizer, refrões, provérbios, frases feitas, expressões idiomáticas, etc. Essa profusão de estruturas, segundo Ortiz Alvarez (2000), faz com que as unidades fraseológicas sejam

identificadas por muitos autores de uma forma um tanto confusa (...), no entanto cada uma dessas unidades apresenta características específicas não só na sua composição mas também no próprio uso dentro do discurso. Trata-se, então, de fazer uma análise da estrutura interna, gramatical e semântica, e da sua propriedade combinatória e assim estabelecer critérios para a delimitação dessas unidades (Ortiz Alvarez, 2000, p. 97).

A identidade de uma região ou de um grupo social é marcada, especialmente pelas tradições culturais. Neste texto elencamos designações jocosas e pejorativas das identidades ou apodos colectivos de carácter antroponímico. O *corpus* é o recolhido pelo antropólogo João David de Moraes e publicado em 2006 na obra *Ditos e Apodos*

Colectivos, constituído por 169 “ditos e apodos colectivos”, cingindo-se ao distrito de Évora, dos quais recortamos uma dezena.

Conforme essa proposta, as unidades fraseológicas estruturam-se como combinações sintagmáticas determinadas principalmente pelas diferentes relações que se estabelecem entre seus elementos, pois integram aspectos lexicológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Elas são, desse ponto de vista, enunciados complexos e mais extensos que contêm necessariamente, na sua estruturação, uma expressão idiomática.

Doravante usaremos a designação DAC para nos referirmos ao corpus reunido na obra *Ditos e Apodos Colectivos*, da autoria de João David de Moraes.

Unidades Fraseológicas do corpus DAC- Évora

Selecionamos para inventariar neste artigo dez unidades fraseológicas onde explicitamente está presente um antropónimo ou topónimo.

Apresentamos as localidades onde foram atestados e a respectiva unidade fraseológica:

Localidade	Unidade Fraseológica
Aldeia da Luz	Os da Luz têm a gaita no cu
Arraiolos	Como a noiva de Arraiolos
Azaruja	Azaruja, cara suja
Cabeção	Os de Cabeção andam com um pé calçado e outro não
Évoramonte	Os de Évoramonte veem os milhanos de costas.
Freixo	Os do Freixo têm o cu fora do eixo
Granja de Mourão	Os da Granja comem pão com laranja
Juromenha	Quem vai a Juromenha ou enrica ou emprenha
Mourão	Os de Mourão têm boa cara e ruim coração
Viana	Os de Viana vão à ceifa de gravata e tudo

Os culturemas no corpus DAC-Évora

Seguimos a definição de culturemas apresentada por Pamies Bertrán (2007 e 2008). Para este linguista, os culturemas são símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas, inicialmente como alusões ou reaproveitamento de referido simbolismo, e que podem se generalizar e até se automatizar. Uma vez dentro da língua como palavras ou componentes de frasemas, conservam, ainda assim, algo de sua “autonomia” inicial, na medida em que unem conjuntos de metáforas e até permitem a adição de outras a partir do mesmo valor, acessíveis para a competência metafórica

Pamies Bertrán (2008, 54) apresenta um conceito de culturemas que interessa em particular a este trabalho, pois se refere a contributos que eles dão ao desenvolvimento da língua:

Los culturemas son símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que sirven de modelo para que las lenguas generen expresiones figuradas, inicialmente como alusiones o reaprovechamiento de dicho simbolismo, y que pueden generalizarse y hasta automatizarse. Una vez que han entrado en la lengua como palabras o componentes de frasemas, conservan aun así algo de su “autonomía” inicial, en la medida en que cohesionan conjuntos de metáforas.

Os culturemas aqui considerados são, pois, aqueles que se enquadram na definição de Pamies Bertrán (2008) e que respeitam os critérios enunciados por Luque Nadal (2009), a saber:

1. Vitalidade: expressões usadas pelos falantes.
2. Produtividade: existência unidades fraseológicas ligadas aos culturemas.
3. Frequência de aparecimento: os culturemas devem aparecer com relativa frequência em diferentes tipologias textuais.
4. Complexidade estrutural e simbólica: os culturemas devem ser veículo de expressividade e força argumentativa.

Pamies Bertran acrescenta:

Los culturemas son extralinguísticos en la medida en que son verbalizados como consecuencia de un simbolismo previo, nunca como su causa. Puede ocurrir, igualmente, que esta verbalización sobreviva a un culturema, que ya se ha extinguido como tal. Los

culturemas también pueden ser entidades totalmente imaginarias, de modo que algo tan real y tangible como una flor puede llevar el nombre de personajes inexistentes como Narciso o Don Juan (Pamies Bertrán, 2008, p. 45).

Ainda sobre acepções de culturemas, Luque Nadal (2009) apresenta a sua definição:

podríamos definir culturema como cualquier elemento simbólico específico cultural, simple o complejo, que corresponda a un objeto, idea, actividad o hecho, que sea suficientemente conocido entre los miembros de una sociedad, que tenga valor simbólico y sirva de guía, referencia, o modelo de interpretación o acción para los miembros de dicha sociedad (Luque Nadal, 2009, p. 97).

A vitalidade é a capacidade que uma língua tem de, sem precisar do apoio de outras línguas, encontrar em si os recursos para exprimir novas ideias e novos conceitos. Segundo Luque Nadal (2009), esse primeiro requisito é imprescindível para se determinar se um fato linguístico é ou não um culturema e atesta: “la idea nuclear que subyace a diferentes dichos o expresiones relacionadas con el culturema tiene que estar ‘viva’ para los hablantes” (p. 105). Logo, quanto mais intensa for a motivação entre os falantes para usarem determinada manifestação da língua com valor cultural, maior será a vitalidade do culturema.

Produtividade

Considera-se produtivo um culturema em torno do qual existe um número considerável de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas. A proponente desses critérios destaca dois tipos de produtividade de um culturema: “la productividad fraseológica que tiene que ver con el número de frasemas existentes en la lengua (...)” e “la productividad general que se basa en las apariciones de un frasma em distintos âmbitos como chistes, títulos de películas, libros, canciones, anuncios, etc. (Luque Nadal, 2009, 105). Com tal diversidade, o culturema tem, para os falantes, identidade ainda mais consolidada.

Frequência de aparecimento

Semelhante ao segundo tipo de produtividade apresentado acima, este critério diz respeito à presença de um dado culturema em diferentes gêneros discursivos. Prudente é enfatizar que muitos culturemas estão ligados a fraseologismos, contudo esta não é razão *sine qua non* para a sua existência (Luque Nadal, 2009).

Complexidade estrutural e simbólica

Como os culturemas remetem simbolicamente a uma história ou situação específica e conhecida pelos membros de um grupo social, eles são utilizados também para dar aos enunciados maior expressividade e força argumentativa. Trata-se de uma relação de causa e efeito, para a compreensão de crenças e hábitos de uma comunidade “que sirven como un programa de acción o una guía de interpretación de hechos e conductas” (Luque Nadal, 2009, 107).

Culturemas de teor toponímico e atroponímico

Aguiar

Torre do Relógio

Alcáçovas

Chocalheiros

Arraiolos

Judeus

Bencatel

Moscovo

Em Bencatel, freguesia do Concelho de Vila Viçosa, as gentes de Vila Viçosa chamam a Moscovo à vila de Bencatel e aos seus habitantes moscovitas. No pós-revolução democrática de 25 de abril de 1974, haveria em Bencatel só comunistas e daí a designação de Moscovo, capital da Rússia comunista, conferida à Vila.

Borba

Cus brancos

Cus vermelhos

Cabeção

Pelados

Estremoz

Gadanhas

Guadalupe

Ribeirinhos

Hortinhas

Ferrugentos

Montemor-o Novo

Cascabulhos

As metáforas são carregadas de inferências culturais, por isso evidenciam a relação da língua com a cultura e estão presentes nos culturemas acima indicados.

Vilela (2002) descreve desta maneira a relação entre o significado e os sujeitos no mundo: a relação semântica metafórica não pode ser descrita como uma mudança de traços ou mesmo mudança de um grupo de traços: o que precisa de ser descrito é a passagem (a mapeação) de um domínio para outro domínio (Vilela, 2002, p. 133).

Este trabalho fica pendente de que se faça a mapeação que permite a formação de culturemas e a interpretação cultural e identitária das unidades fraseológicas no distrito de Évora, Portugal.

Referências

- KLARE, Johannes. Lexicologia e fraseologia no português moderno. *Revista de Filologia Românica*, IV. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986.
- KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, lexicografia e terminologia: aspectos necessários. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume IV. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010.
- LUQUE NADAL, Lucia. Los culturemas: unidades lingüísticas, ideológicas o culturales? *Language Design* 11, 2009, p. 93-120.
- LUQUE NADAL, Lucia. *Fundamentos teóricos de los diccionarios lingüístico-culturales*. Relaciones entre fraseología y culturología. Granada Lingvistica, 2010.
- MORAIS, João David de. *Ditos e Apodos Colectivos - Estudo de Antropologia Social no Distrito de Évora*, Lisboa. Edições Colibri, 2006.
- MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Gastronomismos lingüísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; HUELVA UNTERN-BÄUMEN, Enrique (Orgs.). *Uma (Re)Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna*. Vol. 1. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. Campinas: SP, 2000. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

PAMIES BERTRÁN, Antonio. El lenguaje de la lechuza: apuntes para un diccionario intercultural. In: LUQUE DURAN, Juan de Dios; PAMIES BERTRAN, Antonio (eds.). *Interculturalidad y lenguaje: El significado como corolario cultural*. Granada: Granada Lingvistica/Metodo, vol. 1, 2007.

PAMIES BERTRÁN, Antonio. Productividad fraseológica y competencia metafórica (in-ter)cultural. *Paremia* 17, 2008, p. 41-57.

PAMIES BERTRÁN, Antonio. Motivación cultural y botanismos gastronómicos. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; HUELVA UNTERNBÄUMEN, Enrique (Orgs.). *Uma (Re)Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011

PAMIES BERTRÁN, Antonio. O projeto “Dicionários Culturais”. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. Vol. 1

VASCONCELLOS, José Leite. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional, 1928

VASCONCELLOS, José Leite. *Opúsculos onomatologia*. (vol. III). Coimbra, Portugal: Coimbra – Imprensa da Universidade, 1931.

VILELA, Mário. *Metáforas do Nosso Tempo*. Coimbra: Almedina, 2002.